

LIBERTAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

Claudio Perani

(Publicado originalmente nos *Cadernos do CEAS* n.º66, mar.-abr. 1980, p. 62-72.)

Numa perspectiva de fé, não é difícil reconhecer o sopro do Espírito que atingiu a América Latina. No Brasil e nos outros países do continente assistimos à renovação de uma "igreja que nasce do povo", de uma igreja que opta pelos pobres e toma-se "igreja dos pobres", entendida não como igreja paralela, mas como centro renovador e integrador da igreja toda. É uma caminhada, ainda iniciante, com todos os limites de um processo humano, mas já dá para perceber os frutos: recria-se a igreja, suas estruturas, funções e mentalidade são renovadas, opera-se uma mudança, uma conversão, uma "passagem", em sentido bíblico.

Tal renovação - necessariamente - atinge também a **espiritualidade**, quer dizer, o caminho concreto do encontro com Deus, da procura e da manifestação do Espírito, da compreensão e vivência da fé. Na tradição católica, espiritualidade é o caminho da perfeição que se resume na vivência do único mandamento; "amar a Deus e ao próximo". Quer iluminar a relação pessoal do homem com Deus, considerando a globalidade da existência cristã. Se existe uma única espiritualidade cristã, no sentido de assumir os dados fundamentais do Evangelho, ao mesmo tempo as realizações concretas da vivência evangélica podem variar historicamente. Hoje, na América Latina, surge um novo caminho, uma nova luz se manifesta. Para muitos há como uma passagem das trevas para a luz; antes, no depoimento de muitos - apesar de várias práticas espirituais - não se enxergava, parecia tudo correr bem ao próprio redor. Nas palavras do profeta: "Exclamam: Tudo vai bem! Tudo vai bem! quando tudo vai mal" (Jer 6,14). Agora descobre-se a injustiça, o pecado, a equivocidade da própria situação e se quer mudar.

Há várias experiências em diversos lugares, no Brasil e na América Latina toda, diferentes entre si, mas também apresentando coincidências reveladoras. Experiências cristãs vividas antes de serem refletidas, mas que demonstram que o Espírito do Senhor está presente em nossa história.

Sobre tais experiências queremos refletir, não para sistematizá-las numa doutrina fechada, mas simplesmente para recolhê-las, aprofundar certos itens, com a intenção de prestar um serviço e incentivar a procura. Também porque há dúvidas e acusações que podem dificultar a descoberta do Senhor. Afirma-se que diminui a oração e desaparece a vida espiritual e que há uma demasiada insistência no aspecto sócio-político; há o medo que valorizando os pobres se esqueça a Deus.

Esse breve artigo, que pretende dirigir-se prioritariamente aos agentes de pastoral, é por isso limitado aos dados e aos enfoques relativos às experiências de padres, freiras e leigos comprometidos com a pastoral popular, sem excluirmos lideranças populares comprometidas no trabalho.

Apesar de o povo, em sua vivência de fé, ser referência fundamental, aqui não se diz nada da espiritualidade dos camponeses, operários, moradores de bairros populares, etc. Seria importante para caracterizar o que podemos chamar de "espiritualidade da libertação". É o limite da nossa perspectiva.

1. OS FATOS

1. O ponto de partida, habitualmente, é o contato com a situação concreta de opressão dos setores populares. São padres, freiras, leigos, comunidades religiosas, grupos de jovens ou de profissionais que mudam de lugar e se aproximam dos pobres. Pobres considerados não abstratamente, mas na realidade de sua situação social: são a maioria da população brasileira, são as multidões, os camponeses, os operários, os pequenos funcionários, os biscateiros, as empregadas domésticas, os

moradores de favelas, os índios, etc.

Há vários níveis de contato: da solidariedade que se expressa em diferentes formas, das visitas periódicas, até à convivência morando ou trabalhando com os pobres, modificando o próprio estilo de vida, a própria mentalidade.

Neste primeiro contato é imediato o conhecimento da opressão, da escravidão e das injustiças que o povo sofre. Mas há também o desejo de compreender melhor a situação e de conhecer suas causas para contribuir numa mudança. Entra aos poucos a prática de uma análise da realidade antes desconhecida, mas que se revela importante para a formação de uma consciência mais crítica. Não somente se constata a opressão do povo; impressiona sobretudo sua coragem, sua resistência, sua luta, sua fé que continuam firmes nas maiores dificuldades e suscitam admiração e desafio nos agentes de pastoral.

Outros contatos se revelam importantes; o encontro e a colaboração com pessoas dedicadas à causa do povo, que escutam seus clamores, mas que não expressam a fé cristã. Tal encontro, muitas vezes, ajuda para descobrir certo fechamento eclesial, questiona atitude e mentalidades.

Por último, lembramos a contribuição de nível mais teórico - que às vezes é ponto de partida - oferecida por cursos e seminários, pelos documentos oficiais (Vaticano II - Medellín - Puebla - CNBB) e pela teologia da libertação (Gutiérrez, Boff, Mesters, etc)

2. A consequência deste impacto - a depender evidentemente da liberdade de cada um - é o conflito e a **ruptura com a segurança anterior**, com os antigos esquemas e instrumentos que alimentavam a vida espiritual, com as instituições e os métodos utilizados no trabalho apostólico. Espera-se uma ruptura com tradições familiares, com a formação recebida no seminário, com a comunidade religiosa com os símbolos cristãos tradicionais: com certos momentos litúrgicos. O cristão é questionado nas suas motivações mais profundas, nos conteúdos de fé mais fundamentais: a Igreja, Jesus Cristo, Deus.

A antiga segurança e o conjunto de práticas religiosas revelam-se impotentes diante do clamor da miséria. Pior ainda, muitas vezes aparecem como uma espécie de prisão ou favorecendo a situação de opressão, mesmo quando pretendem eliminá-la. Nas palavras de uma pessoa do povo: "Antes os padres fechados nos seus conventos, e as freiras também, não podiam dar-se conta da verdadeira situação. Creio que nem eles mesmos conheciam verdadeiramente a Deus e faziam-nos conhecê-lo como eles criam". Descobre-se uma imagem de Deus e de igreja vinculada ideologicamente com a ordem atual que discrimina e oprime a maioria do povo. Não pode não haver um forte questionamento e uma reação.

3. Ao mesmo tempo existe uma decisão, prévia a qualquer ulterior explicação, **uma opção por uma vida comprometida com os pobres**, a serviço deles, engajada na luta crucial da nossa época. Há como uma intuição firme de que este é o caminho do compromisso cristão. E, em consequência, o caminho do encontro com Deus: "Quando quero encontrar a Deus. visito as roças, entro nos casebres...". A ruptura anterior não resulta num abandono ou numa revolta estéril, ao contrário, a opção pelos pobres significa uma resposta a um apelo, um compromisso vital que abrange a existência toda e projeta nova luz também na relação com Deus. Constitui-se no critério fundamental de renovação e sintetiza a característica principal da nova espiritualidade. É aquilo que teremos que aprofundar.

2. MARCOS FUNDAMENTAIS

2.1. Opressão do Povo

À luz da fé, vemos a distância crescente entre ricos e pobres como um escândalo e uma contradição com o ser cristão. O luxo de uma minoria constitui um insulto à miséria das grandes massas. Esta situação é contrária ao desígnio do Criador e à honra a ele devida. Nesta angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado social, aliás, bem mais grave por acontecer em países que se dizem católicos e que têm a capacidade de poder mudar tal situação: Que sejam derrubadas as barreiras da exploração... contra as quais são impotentes os melhores esforços de promoção". O texto de Puebla sintetiza, interpreta o que se passa ao constatar o clamor do povo e sua opressão.

Há um impacto nas pessoas que entram em contato mais direto e verdadeiro com a situação do povo ao constatar a gravidade e o escândalo desta mesma situação. Como compreendê-lo?

- Não se trata unicamente de um momento sociológico, quer dizer, de um simples conhecimento, espontâneo ou científico, mas que fica no nível da compreensão da realidade pelo que oferece exteriormente. As análises são necessárias, há níveis de realidade que são econômicos, sociais e políticos, e são conhecidos enquanto tais. Mas a compreensão vai além.
- Nem se trata de um simples momento emocional, que pode estar presente e influir: o sofrimento que sinto ao descobrir a situação do outro, a angústia do contraste com o meu bem-estar, ou o sentimento de culpa.
- É um momento teológico, quer dizer, é um momento de revelação: revela-se o escândalo da injustiça e do pecado social; revela-se o Juízo de Deus que condena; revela-se o apelo de Deus que convida ao compromisso. A situação é algo - e é compreendida como tal - que grita vingança aos olhos de Deus. Na linguagem bíblica é o "tempo" de Deus, tempo de visita (Lc 19,44), tempo favorável (2 Cor 6,2), tempo de julgamento e de definição, carregado de esperança (Rm 13,11). Está relacionado com atos particulares de revelação e de salvação operados por Deus. Para os opressores e tempo de desgraça, para os oprimidos, de libertação. É tempo de graça: há a percepção do mal e, contemporaneamente, da presença e da força de Deus que salva. Na linguagem da tradição espiritual é um momento do agir dos espíritos, quando se impõe uma decisão pessoal.

Tudo isso pode não estar refletido explicitamente; aliás muitas vezes as palavras "espírito", "fé" "graça", "Deus"... não aparecem - também porque ligadas a uma experiência alienante de espiritualidade -, mas estão presentes nas reações e nos passos encaminhados pelos agentes. O povo em sua situação concreta é a mediação visível: somos por eles questionados e convertidos. Compreendemos que não se pode ir ao povo impunemente...

2.2. A Conversão

"Não vos conformeis com este mundo, mas reformai-vos pela renovação do vosso espírito" (Rm 12,2). O impacto recebido não significa necessariamente uma escolha e uma mudança. Pode-se fugir, deixando de se comprometer com a luta do povo. Para outros, nessas condições de luta, pode desaparecer o encontro com o Senhor. Muitas vezes a resposta dá início a um caminho difícil de renovação, numa palavra tradicional, de "conversão", mas com aspectos particulares que devemos analisar.

Positivamente, a mudança significa uma solidariedade com os pobres e com sua luta. "Pobre" - como vimos - é purificado do sentido falsamente espiritual, para adquirir o conteúdo concreto das categorias sociais oprimidas na América Latina. "Nesta categoria se encontram principalmente nossos indígenas, agricultores, operários, marginalizados na cidade". Pobres, também, enquanto

estão tomando consciência de sua exploração, vão se organizando e lutando para uma mudança de estruturas.

A solidariedade é com os pobres e com seus movimentos, participando da luta política para eliminar as injustiças. Contemporaneamente, é através dessa solidariedade que se reconhece que o Espírito de Jesus está nos pobres e anima sua luta. São os pobres que permitem a renovação da igreja: "Nestes anos aparece cada vez mais claro para muitos cristãos que a igreja, se quer ser fiel ao Deus de Jesus Cristo, deve tomar consciência dela mesma, a partir de baixo, dos pobres deste mundo, das classes exploradas, das raças depreciadas, das culturas marginalizadas". São os pobres que tomam possível a busca de Deus; são eles que têm nas mãos as chaves do Reino de Deus (Lc 16,9).

Espiritualidade da libertação significa escolha particular, identificação sociológica parcial: o compromisso com os pobres. Tudo é focado a partir deles, que aparecem como a chave para compreender o sentido da libertação e a revelação do Deus libertador. E o mesmo caminho de Jesus, da escolha dos pobres, da fraternidade, e, por isso mesmo, caminho de polêmica e de conflito com o poder.

Negativamente, a mudança significa uma **dúplice ruptura: com os poderosos do mundo e com determinadas estruturas de igreja.**

A ruptura se dá com o poder opressor que tem nomes bem concretos: estrutura capitalista, multinacionais, regime ditatorial, classe burguesa, latifundiários... E também com a mentalidade que justifica a ordem atual e que sutilmente penetra em tudo e em todos, até nas mentes dos oprimidos, tornando o discernimento mais difícil. Começa-se a viver na oposição: oposição ao atual regime, à sociedade atual que explora através de mil formas bem concretas; com as exigências de uma nova ascética (disciplina e austeridade de vida) e as consequências previsíveis de uma eventual repressão. Tudo isso já se verificou, tornando atual uma igreja perseguida que renova o testemunho da igreja dos mártires.

A ruptura se dá também com determinadas estruturas de igreja e com um caminho de espiritualidade que acompanhou e sustentou até hoje, dando segurança e alegria. Apesar de haver o perigo de confundir as diversas lutas, talvez esta última seja a ruptura mais dolorosa porque mais pessoal. Descobre-se que os valores mais santos - amor, paz, unidade, oração... - foram desfigurados numa estrutura de exploração. As mesmas idéias de Deus e de Jesus Cristo são instrumentalizadas e postas ao serviço dos opressores. Por várias razões históricas e atuais o que chamamos de sinais "religiosos", "espirituais", "sacramentos", de fato, muitas vezes não revelam o Deus libertador, mas um Deus alienado e alienante, separado da vida, comprometido com o poder. Nossas atuais estruturas e símbolos carregam o peso de uma violência que remonta às origens da evangelização da América Latina. Segundo as palavras de uma Bula papal de 1493: "A fé católica e a religião cristã, sobretudo nos nossos tempos, seja exaltada e em toda parte ampliada e dilatada, procure-se a salvação das almas, deprimam-se as nações bárbaras e sejam elas reduzidas à fé". Apesar de mudanças profundas, uma certa aliança cruz-espada corre o risco de guardar submissos, como uma vez os índios, hoje os camponeses e os operários.

Neste nível a espiritualidade da libertação revela sua tarefa prioritária: a de não se contentar com palavras e símbolos teóricos, mas de considerá-los no condicionamento histórico, cumprindo o papel de desmascarar os equívocos. A confrontação é sempre com o critério dos pobres. Já S. João, mestre de espiritualidade, afirmava: "Aquele que diz estar na luz, e odeia o seu irmão, jaz ainda nas trevas" (Jo 2,9). Tudo o que aparentemente é palavra de luz, mas de fato é treva, deve ser abandonado. Não é Deus, mas um ídolo. O conhecimento de Deus deve estar ligado à causa concreta da libertação. Não é possível crer no Deus libertador sem participar no processo de libertação.

2.3. Análise da Realidade

Devemos retomar e aprofundar o problema do **instrumento de análise da realidade**, pois adquire uma função importante na nova espiritualidade da libertação. Esta caracteriza-se por não ser abstrata, mas por tentar ser histórica, considerando o espírito dentro de seu condicionamento estrutural. Uma espiritualidade que renova a melhor tradição da teologia da encarnação.

Isso se dá, em primeiro lugar, pelo contato e compromisso com os pobres. A partir daí tem início um processo de desideologização, quer dizer, de desmascaramento de vários conteúdos pseudo-cristãos, pseudo-libertadores. Mas não é suficiente. As ciências humanas hoje colocam à disposição dos homens vários instrumentos, limitados e parciais, mas sem dúvida indispensáveis, se se quer ver atrás das aparências e suspeitar do que é habitualmente afirmado, para desmascarar os equívocos, as falsidades, a opressão. Tanto mais indispensáveis quando sabemos que as classes dominantes são aquelas que fabricam e veiculam as idéias dominantes na sociedade, idéias que contaminam também a igreja, a teologia e a espiritualidade.

Tradicionalmente o espírito era relacionado com o "coração" do homem e não com as estruturas da sociedade, consideradas simples palco das ações humanas; hoje reconhece-se que tudo aquilo que tem a ver com o espírito está intimamente relacionado com a presente situação social, com o modo de produção econômica, com o regime político... Se não se compreendem tais mecanismos estruturais e ideológicos, em lugar de refletir a palavra de Deus, se corre o risco de ser um inconsciente porta voz das idéias da classe dominante.

A escolha do instrumento de análise não é fácil. As várias sociologias são imperfeitas e limitadas, mas deve-se escolher aquelas que permitem com maior acerto uma crítica do poder opressor. Os religiosos, por exemplo, através de seu organismo oficial, a CLAR, chegam a optar pela "teoria da dependência nos mesmos termos e com os mesmos alcances com que foi assumida em Medellín (...porque) é uma teoria que aponta para uma práxis libertadora, evangélica".

Há necessidade de uma crítica da economia política da dominação que nos leve a assumir o caráter antagônico do conflito entre dominador e dominado; sem isso é impossível uma verdadeira identificação com os pobres e se corre o risco de ficar numa aproximação puramente verbal ou com os vícios do antigo paternalismo, que podia ser generoso e sacrificado mas não contribuía para a luta do povo.

Neste nível a espiritualidade da libertação não oferece um conteúdo novo, simplesmente um método para discernir melhor. Mas tem suas conseqüências: a necessidade de uma ação concreta coerente com a análise feita e com as causas descobertas. A espiritualidade da libertação pretende ser eficaz. Quanto a isso a fé se revela como insuficiente. Daí o recurso à mediação das ideologias. "Neste sentido positivo, as ideologias aparecem como necessárias para a vida em sociedade, na medida em que são mediações para a ação". A espiritualidade libertadora assume tais mediações para poder concretizar uma ação eficaz. É política, evita a falsa imparcialidade do "espírito", não tem medo de ser parcial. Pode-se dizer, ao contrário, que representa a possibilidade e capacidade de desempenhar conscientemente o papel ideológico do qual depende a real libertação dos homens. Porque adesão ao absoluto da fé e de Deus, "se deixa interpelar e enriquecer pelas ideologias no que têm de positivo". A nova espiritualidade aparece como capacidade de fazer convergir numa unidade existencial a contribuição da reflexão científica e da reflexão teológica, onde são assumidos como fundam. mentais os conteúdos econômicos e políticos.

3. O PROBLEMA DA FÉ

Permanece fundamental o problema da fé. Aparece claro o compromisso político, a unidade de visão e de ação. Para isso foi necessário sacrificar algo de fundamental da tradição cristã? Vimos que o impacto suscitado pela presença dos pobres e pela constatação da injustiça, pode ser interpretado como revelação de Deus. Mas o que significa isso? Que Deus? Que fé?

Devemos, nesta altura, explicitar o problema da fé cristã em seu sentido específico, no seu aspecto de transcendência. Sabemos que essa transcendência se historiciza, tanto nos conceitos como na prática da nossa fé. Há, porém, necessidade de refletir sobre o que há de transcendência nessa fé: sua relação com a origem evangélica, com a gratuidade, de Deus de oferecer o dom do Reino, com o fato de nos remeter a uma realidade superior e transcendente que não se identifica simplesmente com os pobres e sua luta apesar de estar aí presente. Devemos falar em Deus, Criador e Senhor do céu e da terra. Tal reflexão é importante, inclusive porque a nova espiritualidade, exatamente neste ponto, é acusada de horizontalismo e de secularização (esquece a dimensão vertical, transcendental, elimina o céu). Não somente; às vezes essa preocupação pode estar presente naqueles que intuíram o caminho novo, exigindo um aprofundamento.

Estamos diante de uma mudança na compreensão da fé. Podemos falar de crise no sentido de discernimento, purificação, crescimento. É claro que nem toda crise tem como resultado uma resposta positiva. Pode ocorrer que a fé explícita seja rejeitada. Sendo, porém, que se trata de uma novidade, não devemos julgar a partir dos esquemas e dos sinais de fé tradicionais. São fundamentais em primeiro lugar, o testemunho afirmado e os frutos produzidos. Estar atentos para captar os novos conteúdos e os novos canais de explicitação, pois tudo isto está sendo revisto.

Na caminhada de purificação algo é abandonado, por não corresponder mais à nova compreensão. Pode-se falar, em geral, de um certo silêncio da fé, não no sentido de ter-se esvaziado, mas no sentido de não haver mais necessidade de muitas expressões. Por que falar muito de Deus? Por que multiplicar as orações as "práticas espirituais", as palavras e os gestos?

Sem dúvida, há uma reação contra uma abundância muito fácil e muito estéril. A Escritura parece concordar: "Não nomear o nome de Deus em vão". "Nas nossas orações não multipliqueis as palavras" (Mt 6,7). "Por que me chamais Senhor, Senhor... e não fazeis o que digo?" (Le 6,46). É sabido que os mestres espirituais consideram a superação do sagrado e o abandono da segurança posta em determinados sinais para entregar-se mais radicalmente ao caminho da secularização, como um sinal de amadurecimento da fé cristã. Jesus mesmo, quando lhe pediram sinais, respondeu negando: "Não lhe será dado outro sinal senão o de Jonas" (Mt 16,4), que é o sinal do Filho de Deus feito homem, que se seculariza e dá a vida pelos irmãos. Contudo o problema dos símbolos não é eliminado...

São abandonados, sobretudo, aqueles sinais de Deus que - como vimos - estão ligados de alguma forma ao mundo opressor e são por ele utilizados, sem que haja contestação alguma, nem compromisso de justiça. Percebe-se que não pode adorar a Deus compactuando com injustiça ou partindo de uma pretensa neutralidade, porque onde é negada e não é praticada a fraternidade é negado Deus.

Em síntese, sem sermos absolutistas, constatamos que está sendo purificada uma fé que era mais teórica e intelectual, descomprometida com a realidade e ação, uma fé individualista, uma sentimental e afetiva. É negada uma que pretendia resolver tudo e que substituía - entre as outras coisas - a responsabilidade sócio-política dos cristãos.

Algo é redescoberto e afirmado como prioritário, algo é alimentado a partir da recusa da situação de

opressão, pela partilha comunitária entre irmãos e pela comunhão com o povo cuja fé orienta fortalece a fé dos agentes.

A fé é vista prioritariamente como missão, como descoberta do outro e compromisso de luta ao lado do oprimido. Trata-se de manter uma prática de justiça e de amor (aqui entra também a gratuidade) num mundo de opressão, muitas vezes sem ver muitos sinais objetivos de mudanças, ao contrário, constatando a violência da injustiça. Trata-se de reconhecer continuamente o sentido atual e definitivo da luta de libertação. De esperar contra toda esperança. É uma fé que não diz referência explícita a Deus como absoluto, mas ao amor de Deus historicizado nos oprimidos.

É uma fé que assume como seu próprio conteúdo, e ao mesmo tempo expressão, a **justiça**, numa união concreta e vital recuperando uma visão bíblica. O conceito de justiça aqui é entendido de maneira bem ampla. Não é uma simples luta destrutiva ou um mero combate de classe, também se isso não se exclui. "A fome, a justiça, não são só questões econômicas e sociais, são mais globalmente questões humanas e desafiam na raiz nossa maneira de viver a fé cristã".

O compromisso pela justiça está intimamente relacionado com o ato de fé. A experiência cristã de Deus, não é uma experiência religiosa, do sagrado, mas é uma experiência do sentido radical do ser do mundo, da história. Ora, comprometer-se pela justiça significa, radicalmente, eliminar o absurdo e o fatalismo, crer na fraternidade humana e no sentido da história; significa imitar o Filho de Deus que se particulariza no Servo sofredor para libertar os homens.

Nessa perspectiva, a prática da justiça é o lugar de acesso a Deus, é o lugar onde aparece a fé, o lugar da busca de Deus. A Escritura parece afirmar mais: "Conhecer a Deus (isto é, a fé) é praticar a Justiça" (Jer 22, 15-16), não só porque sem justiça não é possível encontrar a Deus ("Não há conhecimento de Deus no país" - Os 4,1), mas também porque positivamente realizar a justiça é conhecer a Deus. E a justiça da qual fala o profeta está ligada a coisas bem concretas: construir palácios, recusar salários, julgar a causa do pobre...

"Eis como sabemos que o conhecemos: se guardarmos seus mandamentos" (1 Jo 2,3). "Todo aquele que pratica a justiça é nascido dele" (Jo 2,29) e o nascimento está ligado de alguma forma à fé. Pela Escritura a religião (o ligar-se a Deus, reconhecer a Deus) está relacionado, até se identificar, com a justiça: "A religião pura e sem mancha aos olhos de Deus nosso Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições" (Ti 1,27).

Paulo VI reconhecia este caminho de humanismo (na América Latina é claramente um caminho de luta de libertação) e de secularização como caminho da nova espiritualidade: "A religião de Deus que se fez homem se encontrou com a religião - porque tal é - do homem que se faz Deus. Que aconteceu? Um choque, uma luta, uma condenação? Podia ter-se dado, mas não se produziu. A antiga história do samaritano foi a pauta da espiritualidade do concílio" (07.12.65). E é a nossa espiritualidade.

Ainda deve ser esclarecido algo sobre a fé como reconhecimento de um Deus transcendente, criador do céu e da terra como afirmávamos no início. É bom lembrar, em primeiro lugar, que na América Latina, falando em geral, não se coloca o problema da existência ou não existência de Deus, de um absoluto. Não é problema das massas latino-americanas, como não era problema do Antigo e do Novo Testamento. A existência de Deus não se discute. Este é um problema que surge mais no mundo industrializado, ligado a uma ideologia burguesa, substancialmente atéia, mesmo quando reconhece a Deus. Nem a fé em Deus se explicita a partir de declarações dogmáticas dos primeiros concílios ou do Vaticano I.

Mas está bem presente reconhecendo a Deus como o Deus dos pobres, o Deus libertador, o Deus que ouve os clamores de seu povo e desce para libertá-lo. É o Deus transcendente, certamente, mas sua transcendência "não aparece fundamentalmente no distanciamento do criado mas sobretudo no questionamento em e através do criado", quer dizer na necessidade de superar continuamente as formas históricas de libertação. O absoluto de Deus e seu universalismo são reconhecidos, mas através da parcialidade da escolha dos pobres. Deus é parcial no sentido que se define em favor dos oprimidos contra a injustiça. Nesta perspectiva, o reconhecimento e o encontro com o Deus transcendente e absoluto significam uma busca incansável a partir do compromisso com os pobres e com sua luta de libertação.

4. NOVAS LEITURAS TEOLÓGICAS

A partir da nova situação, necessariamente á um repensamento e reinterpretação do caminho espiritual até então percorrido, atingindo – como vimos – também os conteúdos fundamentais e suas expressões. Sempre foi assim na história do cristianismo. A partir de novas experiências e necessidades se reinterpreta e se expressa a mensagem evangélica na sua integridade, mas através de formas e conteúdos novos, selecionando determinados enfoques, não pelo gosto da novidade, mas pelas exigências do momento atual. O processo está em andamento. Nestas breves linhas não é possível indicar, nem sumariamente, as pistas que estão se esboçando. É tarefa da teologia da libertação que acompanha a igreja dos pobres. Limitamo-nos só a algumas perspectivas, para encerrar o artigo. Já vimos algo a propósito da fé e de Deus Pai.

4.1. Jesus Cristo

Sem esquecer a ressurreição, é focalizado mais o Jesus histórico, o Jesus de Nazaré, sua prática concreta mais que sua doutrina. Jesus que escolhe os pobres, opera milagres, multiplica os pães, tem compaixão do povo, luta pela justiça e pela fraternidade, entra em conflito com os poderes religiosos e políticos do seu tempo. Jesus identificado com o Servo sofredor do Segundo Isaías: que assume os sofrimentos e as esperanças do povo. Numa palavra, Jesus libertador. Nesta perspectiva é vista a ressurreição como irrupção antecipada da libertação definitiva. Revela a plenitude de vida de Jesus, mas também é reconhecida em toda eliminação da opressão e em todas as vitórias das lutas do povo. É valorizado o Reino de Deus que já está presente, mas ainda deve completar-se. Reino que é, contemporaneamente, dom e tarefa. Antes a espiritualidade focalizava mais o encontro pessoal com Jesus; hoje insiste no reino, na missão de justiça a ser realizada, e o acesso a Jesus é somente pelo compromisso em favor do Reino.

4.2. Igreja

A igreja é a comunidade dos discípulos de Jesus que seguem seu exemplo padecendo as mesmas conseqüências: “Expulsar-vos-ão das sinagogas, e virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus” (Jo 16,2). É aquela que emerge da maioria. A igreja do povo, dos pobres, entendendo com isso em primeiro lugar a comunidade formada pelos pobres, mas também a solidariedade de todos com eles e a luta contra toda e qualquer opressão em favor de todos os oprimidos. Uma igreja então, mas de serviço, encarnada no mundo e preocupada com os problemas das massas. É questionada a distância entre a igreja e o povo. Sobretudo é denunciada toda atitude de poder da instituição que a leva a comprometer-se com os opressores deste mundo, abandonando os pobres.

A evangelização, evidentemente, é conseqüência desta visão de Jesus Cristo e da Igreja: um participar da luta de libertação do povo para uma libertação integral, que realiza a comunhão plena entre os homens e entre eles e Deus. Aceitando, muitas vezes, uma presença silenciosa.

4.3. Sacramentos

A participação nos sacramentos e na liturgia parece quase desaparecer na nova espiritualidade. Fala-se pouco de oração e de sacramentos. A pessoa humana, os irmãos, os pobres são apontados como “sacramentos”, como “sagrado”. Parece não haver mais necessidade de um espaço separado. Podemos compreender os motivos. Batizados, sacramentos, missas... sempre ocuparam a maior parte do tempo e das forças dos agentes de pastoral. Agora que eles mergulham no meio do povo, percebem quanto ficaram aprisionados dentro de um mundo onde o “sacramento” não era somente um sinal da presença da gratuidade de Deus, mas – por estar desligado de uma prática concreta de justiça – se tornava de fato a imagem, quer dizer, o ídolo, de uma eficácia sagrada a-histórica. O sacramento ficava reduzido a um rito e como tal entrava naquela condenação dos profetas e de Jesus no Evangelho contra o culto e o rito como caminho de libertação. “Jesus disse-lhes: Isaías com muita razão profetizou de vós, hipócritas, quanto escreveu: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão, pois, me cultuam ensinando doutrinas e preceitos humanos” (Mc 7,6-7). Tais queixas devem ser consideradas para avaliar toda oração e todo culto.

Em particular, essa alienação pode ser observada a propósito da Eucaristia. Foi destruído seu caráter de comunhão, substituindo a alimentação pelo rito; prevaleceu o interesse do “como” da presença de Jesus sobre o “fato” desta mesma presença; sobretudo se transformou o amplo convite de Jesus às massas famintas num mistério sagrado reservado somente a iniciados, a quem muitas vezes falta o requisito fundamental: a confrontação com a pobreza. A ortodoxia dos sacramentos sempre ficou íntegra, mas houve um cisma na prática, chegando então a uma idolatria.

É natural que, percebendo tudo isso a partir do novo lugar, a espiritualidade da libertação queira guardar uma reserva e um certo silêncio. A Eucaristia é realizada onde a comida é conquistada pelos pobres e compartilhada com eles; é celebrada em toda luta e esperança vividas nos movimentos populares. Como recuperar a “mundaneidade” da eucaristia e seu caráter fundamentalmente popular? É o desafio que se coloca. Talvez, aqui também, o caminho seja deixar-se levar e ensinar pelo povo, por suas celebrações.

Quanto ao sacramento da Ordem, o exercício do sacerdócio deixa na sombra o aspecto mais cultural e procura abandonar uma postura autoritária, para valorizar o aspecto profético e de animação do povo. Procura ser um ministério mais coletivo e popular, apresentando a parcialidade de Deus no conflito de classe, atento às exigências das classes dominadas, a serviço das organizações populares.

5. CONCLUSÃO

Partimos do novo sopro de vida que anima a igreja na América Latina. A tentativa do artigo foi de reconhecer o afirmar-se de uma nova atitude espiritual numa parcela do povo de Deus. Consideramos unicamente os dados concretos que temos à disposição e que dizem respeito àqueles que habitualmente são considerados agentes de pastoral. Voltamos a repetir, é uma perspectiva muito restrita. Contudo permite individuar os traços característicos daquela que pode ser chamada uma nova espiritualidade, uma espiritualidade da libertação. O ponto de partida é o contato com a multidão oprimida, reconhecendo o sistema opressor que produz tal situação. Isso questiona profundamente a própria fé e remete para urna caminhada nova de busca contínua. O impacto inicial alimenta a inserção no povo e na sua luta, assim como uma atitude sempre mais crítica. A fé é redescoberta como missão, como compromisso contra toda esperança, assumindo de maneira unitária o conteúdo de justiça. Deus é aquele que ouve os clamores de seu povo, Jesus de Nazaré é o libertador através da escolha dos pobres e a igreja é vista como aquela que nasce do povo.

Diante deste panorama podemos constatar que não tem sentido falar em diminuição da fé ou abandono da espiritualidade. Ao contrário, é o Espírito que anima toda esta renovação que se constitui num aumento da "vida", de que fala S. João, e num aprofundamento da fé.

É claro que ficam dúvidas, temores e tensões. Trata-se de uma caminhada, de um processo. O problema fundamental é aquele que decorre do limite dos grupos de igreja comprometidos em tal espiritualidade. Vivem uma dúplice contradição (presente no artigo): 1) a de querer ter o povo como ponto de referência contínuo, enquanto sua fé corre o risco de se elitizar, afastando-se da fé do povo, não sempre alienada; 2) a de querer comprometer-se com as estruturas sócio-políticas, enquanto a tendência quase sempre espontânea é de continuamente brigar no nível da instituição eclesial. Será necessário manter uma atitude de auto-crítica, que desconfia da própria segurança e que procura continuamente a referência aos outros, em particular - vamos repetir mais uma vez - ao povo e às suas lutas concretas. Talvez, mais que falar em espiritualidade da libertação como nova descoberta, seja fundamental um processo de redefinição contínua.

Outras coisas devem ser esclarecidas e aprofundadas. O problema dos símbolos da fé não pode ficar simplesmente na negação dos atuais. Quais os novos gestos, os novos sinais, para expressar a fé, para celebrar a luta do povo? A tensão do conflito entre fé e militância mais radical está sempre presente. Assim também a tensão entre a eficácia da luta e a gratuidade do Reino. Mas também há certeza: este foi o caminho de Jesus e deve ser o de seus discípulos.

A nova espiritualidade que está surgindo pretende discernir entre o espírito da libertação dos humildes e o espírito de opressão dos poderosos. Quer ser eficaz e histórica, encontrando hoje nos movimentos populares o mesmo Espírito de Jesus presente nos pobres. Procura por à disposição todos os bens espirituais, que pela Bíblia são os bens mais fundamentais da vida humana: pão, casa, amor... Se até hoje a espiritualidade cristã foi alimentada por duas grandes dimensões: a grandeza do mundo e a profundidade da alma, talvez possamos dizer que neste tempo na América Latina está surgindo uma nova espiritualidade alimentada pela luta de libertação do povo latino-americano.